

O APROVEITAMENTO CIENTÍFICO DE COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS: PROPOSTA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE VASILHAS CERÂMICAS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI

MARIA CRISTINA MINEIRO SCATAMACCHIA
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

MARIA AMANDA CAGGIANO
Museu Arqueológico Municipal "Dr. O. Menghin" e Instituto de Investigaciones Antropológicas, Chivilcoy, Argentina

ANDRÉ LUIZ JACOBUS
Museu Arqueológico de Taquara, RS

Como conseqüência das análises efetuadas independentemente através de nossas pesquisas com cerâmicas, em particular da tradição Tupiguarani (Caggiano, 1984, 1986; Scatamacchia, 1981, 1984) sentimos necessidade de analisar as formas completas existentes nas coleções que se encontram depositadas em museus, provenientes ou não de escavações sistemáticas. A maioria não foi analisada e publicada de maneira individualizada e a informação muitas vezes apenas menciona a existência de certo tipo de vasilha dentro de uma coleção, sendo que os dados descritivos não obedecem aos mesmos critérios de terminologia e classificação. Os estudos sistemáticos foram feitos basicamente com a análise de fragmentos, quando da elaboração das primeiras normas para descrição e classificação, que se referem principalmente aos tipos de decoração.

O primeiro passo foi portanto, estabelecer critérios comuns para descrever e classificar peças completas. Com esse trabalho pretendemos preencher uma lacuna, apresentando um estudo sistemático que possa servir de referência para descrição das peças e identificação dos indicadores precisos dessa tradição, através da possibilidade de visualizar a distribuição geográfica das formas e padrões decorativos.

Essa proposta de classificação visa as coleções que se encontram em museus, instituições, e em mãos de colecionadores particulares da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, compostas por vasilhas completas ou parcialmente fragmentadas, mas mostrando ainda a possibilidade de visualizar a sua forma. Sendo que, muitas dessas peças não possuem todas as informações contextuais. Embora, seja um fato sem discussão que um artefato desvinculado do seu contexto tem seu potencial informativo limitado, podemos justificar a utilização dessa documentação. A análise e divulgação dessas coleções, que estimamos em torno de 3.000 vasilhas, irá fornecer dados complementares para o estudo dessa tradição arqueológica.

Com a aplicação dos critérios classificatórios propostos, pretendemos elaborar: 1 – um catálogo de referência das formas das vasilhas da tradição tupiguarani, que complementar a pesquisa arqueológica sistemática, inclusive auxiliando no fornecimento de parâmetros para a reconstituição de formas a partir dos fragmentos; 2 – um quadro geral da distribuição espacial dessas vasilhas, que deverá esclarecer a persistência ou diversificação de certos traços morfológicos e decorativos, associados a determinadas regiões.

A visão geral da distribuição das formas e padrões decorativos deverá contribuir para diagnosticar com maior precisão a ocorrência de dois ramos ou duas facies, que historicamente foram identificados como tupi e guarani. Além disso, a análise espacial da presença ou não de certos traços, servirá de ponto de partida para a identificação de áreas-chaves a serem pesquisadas para esclarecer alguns elementos do desenvolvimento cultural e dos processos migratórios dos grupos portadores da tradição Tupiguarani.

II – Tradição Tupiguarani

Uma tradição ceramista é determinada por um conjunto de traços, como pasta, forma e decoração, cuja interrelação se mantém constante através do tempo. A tradição Tupiguarani foi estabelecida, no Brasil, para reunir fases cerâmicas de grupos horticultores com as seguintes características gerais: sítios superficiais resultantes de aldeias com curta permanência, ocupando pequenas elevações em áreas de vegetação florestal, sendo que sepultamentos em urnas foram praticados no próprio sítio habitação ou em sua proximidade.

A maneira de confeccionar, as diversas formas e os padrões decorativos, foram aspectos observados e descritos por vários cronistas do século XVI (Gandavo, Soares de Sousa, Standen e Thevet) que entraram em contato com grupos indígenas da grande família lingüística Tupi-Guarani do litoral do Brasil. Parece não existir diferenças consideráveis entre esse material e aquele identificado em sítios arqueológicos do interior, onde as evidências mais antigas são datadas em torno de 500 a.D. Isto significa que a tradição Tupiguarani perdurou com identidade própria, pelo menos por mil anos. Deve-

mos acrescentar a este dado temporal, também uma variável espacial. Segundo as informações etno-históricas, a área ocupada pelos portadores dessa tradição era imensa. Ocupavam praticamente todo leste da América do Sul, desde o norte do Amazonas até o rio da Prata, da costa do Atlântico até a região do Chaco.

Quando uma tradição se distribui por uma área tão ampla, mantendo por tanto tempo a homogeneidade cultural, como é o caso da tradição Tupiguarani, só se pode pensar em deslocamento de populações. A simples transmissão de certos elementos, não seria capaz de manter a hegemonia Tupi-guarani em toda a costa, que permite identificar como pertencentes à mesma tradição artefatos e outros traços culturais encontrados em um espaço tão grande. Mas apesar desta homogeneidade, algumas diversidades podem ser observadas. Existe nos trabalhos mais recentes uma preocupação por parte dos arqueólogos em identificar dois ramos dentro da tradição, sendo que uma das principais diferenças seria a diversidade das formas cerâmicas utilizadas na preparação de alimentos, que estariam ligadas à padrões diferentes de subsistência. (BROCHADO, 1980; SCHMITZ, 1981).

Pretendemos, portanto, analisar e correlacionar as vasilhas provenientes desta ampla área, que fazem parte das coleções de diversos museus, instituições e particulares. O objetivo final é contribuir para o esclarecimento de muitos problemas desta tradição ceramista, pois como já mencionamos, os estudos mais recentes têm sido feitos principalmente baseados em fragmentos e com uma preocupação restrita a determinadas regiões.

O produto deste estudo fornecerá importantes dados referentes à distribuição geográfica das formas e dos padrões decorativos. Somando a estes resultados pretendemos, através de futuras escavações, que efetuaremos em áreas diagnósticas e com apoio de datações absolutas, contribuir para o esclarecimento da cronologia e dispersão desta tradição, que ocupou amplamente, até 500 anos atrás, as terras baixas da América do Sul.

III – Metodologia Empregada

Para classificar as vasilhas produzidas pelos grupos portadores da tradição Tupiguarani, precisamos inicialmente caracterizar quais os critérios e os elementos diagnósticos que irão estabelecer as diferentes classes e tipos. Não existe na bibliografia especializada conceituações precisas dos termos utilizados na descrição de vasilhas e apesar da existência de uma terminologia para cerâmica (CHIMYZ (ed), 1976), não pudemos constatar uma uniformidade na nomenclatura.

No Brasil, que corresponde a área de maior dispersão desta tradição, o estudo da cerâmica denominada Tupi-guarani sempre foi feito de uma maneira geral. Somente após os trabalhos desenvolvidos pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), no período de 1965 a 1970, quando foram detectadas outras tradições ceramistas, se pensou em conceituar mais precisamente o que seria a cerâmica Tupi-guarani, com a criação do termo tradição Tupiguarani.

Na Argentina não houve, até agora, um interesse específico em estudar os vestígios arqueológicos Tupiguarani e sua cerâmica não foi objeto de uma análise particular, com exceção do trabalho desenvolvido por um dos autores com a coleção existente no Museu de La Plata (CAGGIANO, 1986). Para referir-se a essa mesma tradição se faz menção ainda hoje ao trabalho de Lothrop, de 1932, do Delta do Paraná, e o sítio Arroyo Malo, pesquisado naquela ocasião é ainda o sítio padrão Tupiguarani. Existe uma única datação absoluta para esta tradição, que é a do sítio Arbolito (CIGLIANO, SCHMITZ e CAGGIANO, 1971).

Pelo que pudemos constatar, tanto no Paraguai, como no Uruguai, a preocupação em sistematizar os conceitos para analisar e classificar a cerâmica da tradição Tupiguarani não recebeu também uma atenção especial.

Portanto, a nossa primeira preocupação foi estabelecer critérios para a descrição da forma e classificação da decoração utilizando elementos diagnósticos definidos precisamente que serão as referências constantes para a análise de todas as vasilhas.

Os termos utilizados foram conceituados para que o seu emprego seja feito de forma precisa, pois a classificação final, feita com o auxílio do computador, não permite o emprego de nenhum dado dúbio, que não seja utilizado de maneira objetiva.

Na análise de uma vasilha iremos distinguir basicamente dois aspectos de sua manufatura: a forma e a decoração. A estratégia utilizada levou em conta a necessidade de precisar os elementos integrantes destes dois aspectos da execução, que associados representam os indicadores da tradição. O elemento funcional não deverá ser levado em conta nesta primeira etapa do trabalho.

As vasilhas desta tradição foram confeccionadas pela técnica de acordelado, isto é, pelo enrolamento em espiral de cordões de barro. A superfície das vasilhas pode apresentar-se sem decora-

ção, isto é, ter sido somente alisada, ou apresentar decoração acromática e/ou pintada, na sua face interna e/ou externa.

III.1 – Forma

Para fins de descrição e classificação morfológica, foram consideradas as seguintes partes da vasilha:

- Base** – porção inferior externa com que se assenta a vasilha.
- Corpo** – parte compreendida entre a base e a boca, ou entre a base e o início do colo.
- Colo** – parte localizada entre o corpo e a boca, determinado pela presença de um ponto angular ou inflexão situado imediatamente acima do ponto de tangência vertical (diâmetro máximo) da vasilha.
- Boca** – abertura superior da vasilha, delimitada pelo lábio.
- Borda** – parte situada entre o lábio e a porção diagnóstica imediatamente inferior ao mais próximo ponto angular ou de inflexão. Quando não existe um ponto preciso, a borda será considerada a porção diagnóstica abaixo do lábio.
- Lábio** – parte superior do corpo ou do colo que delimita a boca, situada sobre a borda, que une as superfícies externa e interna da vasilha.
- Apêndice** – saliência acrescentada à parede da vasilha, podendo ser interno (reforço ou suporte de tampa), ou excepcionalmente externo (asa).

Foram considerados os seguintes pontos referenciais propostos na classificação de Shepard (1967:224-248):

- Ponto terminal (PT):** ponto de tangência horizontal tomado sobre o lábio (PT superior) ou sobre a base onde a vasilha se apóia (PT inferior).
- Ponto de tangência vertical (PTV):** ponto de tangência vertical ao corpo da vasilha e que vai determinar o diâmetro máximo ou o diâmetro mínimo.
- Ponto angular (PA):** ponto onde a direção da tangente muda abruptamente por ter mudado de forma o contorno da vasilha.
- Ponto de inflexão (PI):** ponto onde a curvatura da vasilha muda de côncava a convexa ou vice-versa.

Além de determinar os diferentes tipos de contornos, estes pontos também determinarão as medidas que serão consideradas para estabelecer o índice de proporção das vasilhas.

Quanto à forma, uma vasilha será classificada conforme as seguintes categorias interdependentes: estrutura, contorno do corpo, proporção.

Estrutura

Observando-se a vasilha no seu plano vertical, estabelece-se primeiramente duas classes estruturais: não restringida e restringida. Dentro das restringidas podem haver as com colo e as sem colo, já que dentro das não restringidas o colo está ausente. Utilizaremos basicamente essas duas classes estruturais desenvolvidas por Shepard (1961:224-248), levando em conta apenas a sua idéia mais abrangente, que pode ser definida da seguinte maneira:

- 1 – forma restringida – aquela que tem o diâmetro da boca menor do que o diâmetro máximo da vasilha.
- 2 – forma não restringida – aquela que tem o diâmetro da boca maior do que o diâmetro máximo da vasilha.

Contorno da boca – observando-se a vasilha de um plano superior e horizontal, constata-se vários contornos geométricos da boca:

- 1 – Boca circular
- 2 – Boca quadrangular
- 3 – Boca retangular
- 4 – Boca elíptica
- 5 – Boca ovóide

Contorno do corpo – quanto ao contorno do corpo, as vasilhas serão classificadas de acordo com o número de combinações dos pontos angulares (PA) e de inflexão (PI). O último ponto angular ou de inflexão do colo não é considerado para o estabelecimento dos tipos de contornos.

Desta forma os contornos do corpo podem ser:

- 1 – simples: não possui PA nem PI,
- 2 – angular: possui apenas um PA;
- 3 – inflexionado: possui apenas um PI;

- 4 – multi inflexionado – possui dois ou mais PI;
- 5 – multiangular – possui dois ou mais PA;
- 6 – inflexionado angular – possui pontos angulares e de inflexão em diferentes proporções.

Proporção

Estamos considerando as seguintes medidas, que julgamos diagnósticas para a determinação do índice de proporção:

- A) Diâmetro da boca
- B) Diâmetro máximo
- C) Diâmetro do colo
- D) Diâmetro da base
- E) Altura do colo – distância entre a base do colo e a boca.
- F) Altura do corpo – distância entre a base da vasilha e a base do solo.
- G) Altura do diâmetro máximo
- H) Altura total – distância da base até a boca.

Através do índice, produto da relação entre as medidas do diâmetro máximo (B) e da altura total (H) foram estabelecidas as seguintes classes de vasilhas:

- 1. Funda – vasilha que tem a altura total maior ou igual a metade do diâmetro máximo. $H \geq \frac{1}{2} B$. Índice menor que 2,0
- 2. Média – vasilha que tem a altura maior ou igual a 1/3 do diâmetro máximo é menor do que 1/2 do diâmetro máximo. $\frac{1}{3} B \leq H < \frac{1}{2} B$. Índice de 2,1 a 3,0.
- 3. Rasa – vasilha que tem a altura menor do que 1/3 do diâmetro máximo. $H < \frac{1}{3} B$. Índice maior que 3,0.

Estrutura	Contorno da Boca	Contorno do corpo	Proporção
1 – não restringida	1 – Boca circular	1 – simples	1 – Funda
2 – restringida sem colo	2 – Boca quadrangular	2 – angular	2 – média
3 – restringida com colo	3 – Boca retangular	3 – rasa	
	4 – Boca elíptica	4 – multi-inflexionado	
	5 – Boca ovóide	5 – multi angular	
		6 – inflexionado angular	

QUADRO I – Categorias consideradas para a determinação da forma.

III.2 – Decoração

Nas vasilhas da tradição tupiguarani foram utilizadas técnicas de decoração que alteraram a superfície sem a utilização de cor, acromáticas. Empregaram também a técnica cromática, pintando em elaborados desenhos ou cobrindo a superfície de uma só cor.

III.2.1 – A decoração acromática diagnóstica desta tradição se apresenta como corrugada, unglada e escovada, e mais raramente como incisa e roletada.

Estas alterações da superfície podem ser definidas como:

Corrugado – decoração feita por impressão (2) do dedo sobre a superfície ainda plástica da argila, deixando a marca do mesmo através de movimentos rítmicos, que empurram porções de argila, dispondo-as em fileiras contínuas, criando uma superfície enrugada.

Corrugado unglado – tipo de corrugado que apresenta marcas de unhas de maneira contínua e regular.

Corrugado alisado – tipo de corrugado que apresenta a superfície enrugada rebaixada por efeito de um alisamento posterior realizado por um instrumento qualquer (denominado por alguns autores como corrugado espatulado).

Unglado – decoração feita por impressão de unha que é apertada na superfície da pasta ainda plástica, deixando marcas semi-lunares, de modo regular ou esparsos.

Escovado – decoração feita através de incisão (3) com instrumento de múltiplas pontas, que é deslizado pela superfície da vasilha ainda plástica, deixando sulcos em baixo relevo que guardam entre si um relativo paralelismo.

Inciso – decoração feita pela ação de um instrumento que é deslizado pela superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma linha em baixo relevo.

Roletado – decoração onde a superfície da vasilha apresenta evidentes os roletes da sua confecção que foram unidos somente pela superfície interna da mesma.

A associação entre estes tipos de decoração plástica resultam em múltiplas combinações que puderam ser observadas na mesma vasilha.

III.2.2 – A decoração pintada ocorre sob a forma de desenhos abstratos ou ainda como pintura que se apresenta cobrindo toda a superfície ou em faixas. Os desenhos podem estar aplicados

sobre uma camada de pintura ou engobe, ou ainda diretamente sobre a argila.

Esses desenhos são constituídos por uma ampla combinação de linhas retas e curvas, contínuas ou excepcionalmente interrompidas, em posição horizontal, vertical ou oblíqua, que podem estar isoladas ou combinadas entre si. Para a sua análise, tivemos que estabelecer alguns princípios associativos, criando categorias classificatórias.

As associações e disposições dos principais elementos constituintes das composições analisadas na cerâmica de tradição tupiguarani foram agrupadas em categorias amplas segundo o tipo de elemento associado. Com o objetivo de reduzir o número de variáveis, agrupamos dentro de cada categoria subcategorias que englobam o mesmo princípio básico de associação. Dentro de cada subcategoria, pudemos identificar diferentes composições que atendem ao mesmo tipo de associação, que denominamos padrão, considerado como "associação de elementos que formam um conjunto susceptível de repetir-se", cujas variações são consideradas como unidades decorativas. Entendemos, portanto, como unidade decorativa, aquela composição estética unitária, simples ou complexa, que é identificada como uma associação particular dentro do padrão básico. As varia-

ções dentro de cada unidade decorativa não serão consideradas nesta classificação inicial, mas serão anotadas e poderão ser reelaboradas posteriormente.

Foram elaboradas para cada padrão decorativo com as suas unidades de variação, pranchas de referência (Quadros III, IV e V) que poderão ser ampliadas conforme o desenvolvimento da análise do material.

Com a análise do material levantado até o momento e proveniente das distintas regiões de ocorrência dessa tradição (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) pudemos elaborar um quadro básico de referência dos padrões.

Estabelecemos um sistema de classificação para os padrões considerando primeiro os elementos constituintes da composição, quando distinguimos três grandes categorias: I – Composição com linhas retas; II – Composição com linhas curvas; III – Composição com linhas retas e curvas. Dentro destas categorias amplas foram estabelecidas sub-categorias segundo o tipo de associação entre os elementos, que podem ser visualizados de forma global no Quadro II sobre os traços considerados para a classificação da decoração, e em detalhe nos Quadros III, IV e V.

FACE DA VASILHA	TÉCNICA DE DECORAÇÃO	ALTERAÇÕES DA SUPERFÍCIE	COR	DISPOSIÇÃO
1 – externa 2 – interna	0 – sem decoração 1 – acromática 2 – pintada 3 – pintada e acromática	0 – sem decoração 1 – indeterminada 2 – corrugado 3 – corrugado / unglado 4 – corrugado / alisado 5 – unglado 6 – escovado 7 – roletado 8 – inciso 9 – conjugado pintado 10 – superfície pintada 11 – faixas pintadas 12 – com padrão decorativo: I – Linhas retas 1) linhas verticais - a 2) linhas oblíquas - a,b,c,d,e,f,g,h,i,j,k. 3) linhas horizontais - a 4) linhas verticais/oblíquas - a,b,c 5) linhas horizontais/oblíquas - a,b 6) linhas horizontais/verticais - a,b,c,d,e,f,g,h,i,j,k. 7) linhas horizontais/verticais/oblíquas - a,b,c II – Linhas curvas 1) linhas onduladas horizontais - a 2) linhas onduladas verticais - a 3) círculos e semi-círculos - a,b 4) linhas onduladas/círculos e semi-círculos - a 5) linhas curvas elípticas - a,b,c 6) semi-elípticas - a,b 7) linhas curvas enganchadas - a,b 8) linhas onduladas com espiral - a 9) figuras curvas isoladas - a 10) associação livre de curvas - a III - Linhas curvas e retas 1) verticais/curvas - a 2) horizontal/curvas - a,b,c 3) oblíqua/curva - a 4) verticais/horizontais/curvas - a,b,c 5) horizontais oblíquas e curvas - a 6) verticais/horizontais/oblíquas/curvas - a,b,c,d,e	0 – sem cor 1 – branco 2 – vermelho 3 – preto 4 – branco/vermelho 5 – vermelho/branco 6 – preto/branco 7 – preto/verm. 8 – verm./preto/branco 9 – br. e preto/verm.	1 – banda 2 – campo

QUADRO II - Traços considerados para a classificação da decoração.

Dentro de cada sub-categoria, identificamos padrões decorativos segundo o princípio de associação entre os elementos, (nos Quadros III, IV e V), que foram definidos da seguinte forma:

I – Composição com Linhas Retas

1 – Associação de linhas Verticais

- a – Justaposição horizontal de linhas contínuas verticais: linha gráfica: a' linha tarjada; a'' – linha interrompida.

2 – Associação de Linhas Oblíquas

- a – Justaposição horizontal de linhas oblíquas paralelas, contínuas ou interrompidas, nos dois sentidos, para a direita ou para a esquerda.
- b – Associação de linhas oblíquas formando uma linha em zig-zag.
- c – Justaposição vertical de linhas oblíquas que se associam em zig-zag, de maneira regular ou irregular c' – com linha dupla. c'' em espaços intercalados.
- d – Justaposição horizontal de linhas oblíquas que se associam em zig-zag d' com reforço gráfico nos vértices.
- e – Justaposição horizontal de oblíquas que se associam formando ângulos. e' – que se contrapõe pela abertura do ângulo; e'' – que se contrapõem pelo vértice.
- f – Justaposição vertical de oblíquas que se associam formando ângulos.
- g – Justaposição oblíqua de linhas quebradas.
- h – Associação de linhas oblíquas entrecruzadas h' – representação em linha dupla, h'' – pode ocorrer marcação gráfica de pontos nas interseções das linhas.
- i – Associação de linhas oblíquas contrastantes que delimitam triângulos, trapézios, etc., formando secções, i' – com linha dupla, i'' – divisão das secções em semi-secções justapostas formando triângulos ou trapézios.
- j – Associação de oblíquas que formam losângulos concêntricos.
- k – Associação de oblíquas em zig-zag que delimitam com linhas que se unem delimitando losangos concêntricos, k' com ocorrência de vazios alternados.

3 – Linhas horizontais

- a – Justaposição vertical de linhas horizontais paralelas, contínuas ou interrompidas, altarjada.

4 – Linhas verticais e oblíquas

- a – Justaposição vertical de linhas compostas por segmentos de verticais e oblíquas que se alternam, a' – representação em linha dupla.
- b – Justaposição horizontal de linhas verticais paralelas interrompidas por linhas oblíquas.
- c – Justaposição horizontal de linhas verticais e oblíquas que se alternam em espaços regulares. c' – com a formação de secções.

5 – Linhas horizontais e oblíquas

- a – Justaposição de triângulos concêntricos formados por linhas horizontais e oblíquas, que se alternam quanto à posição.
- b – Associação livre de elementos triangulares isolados.

6 – Linhas horizontais e verticais

- a – Composição de linhas horizontais e verticais entrecruzadas. a' – preenchimento de alguns espaços delimitados pelo entrecruzamento.
- b – Justaposição horizontal de linhas verticais que se alternam com justaposição vertical de linhas horizontais criando secções contrastantes.
- c – Associação de linhas verticais e horizontais que combinadas formam uma linha quebrada contínua em ângulo reto, c' – linha quebrada cêntrica, c'' – linha quebrada concêntrica que se apresenta com um rebatimento simétrico horizontal.
- d – Associação de segmentos de linhas quebradas contínuas em ângulo reto, que formam figuras que se justapõem horizontalmente.

- e – Justaposição oblíqua de linhas escalonadas formadas pela associação de linhas verticais e horizontais. e' – em linha dupla, e'' – com rebatimento simétrico, e''' – com rebatimento simétrico em linha dupla.
- f – Associação de horizontais e verticais que formam uma linha quebrada irregular..
- g – Justaposição de figuras concêntricas formadas pela associação de verticais e horizontais.
- h – Justaposição de figuras concêntricas em forma de cruz grega.
- i – Justaposição de formas quadradas e retangulares concêntricas. i' – de forma irregular.
- j – Associação de figuras formadas por uma linha quebrada em ângulo reto em sentido espiralado.
- k – Associação de figuras em forma de "I" que se alternam em espaços constantes.

8 – Linhas horizontais e verticais e oblíquas

- a – Composição de linhas escalonadas que alternadamente se justapõem no sentido oblíquo com uma linha quebrada formada por segmentos verticais e oblíquos.
- b – Associação livre.

II – Composição com Linhas Curvas

1 – Associação de linhas onduladas horizontais

- a – Justaposição vertical de linhas onduladas horizontais paralelas a' – com linha quebrada alternada.

2 – Associação de linhas onduladas verticais

- a – Justaposição horizontal de linhas onduladas verticais paralelas a' – linha tarjada.

3 – Associação de Semi-círculos

- a – Justaposição de semi-círculos concêntricos. a' – justaposição alternada.

4 – Associação de círculos e semi-círculos com linhas onduladas.

- a – Justaposição vertical de linhas onduladas horizontais que se intercalam com círculos concêntricos. a' – semi-círculo que se intercalam alternadamente com linhas onduladas.

5 – Associação de linhas elípticas.

- a – Justaposição vertical de linhas curvas elípticas. a' – com linhas curvas elípticas concêntricas.

6 – Associação de semi-elipses

- a – Justaposição de semi-elipses. a' – justaposição de semi-elipses que se repetem invertidas e com as extremidades não coincidentes.
- b – Justaposição horizontal de semi-elipses que se unem pelas extremidades formando uma linha contínua. b' – que se repetem invertidas com os pontos de união não coincidentes. b'' – com justaposição oblíqua.

7 – Associação de linhas curvas enganchadas

- a – Justaposição horizontal figuras formadas de segmentos de linhas onduladas que se engancham pelas extremidades de uma maneira uniforme e repetida.
- b – Justaposição de segmentos de linhas onduladas concêntricas que se engancham pelas extremidades. b' – justaposição vertical dos segmentos.

8 – Associação de linhas onduladas com espirais

- a – Justaposição horizontal de linhas onduladas paralelas cujas extremidades terminam em espiral, a distâncias regulares.

9 – Associação de figuras curvas isoladas

- a – Associação de figuras curvas em formas semi-lunar.

10 – Associação livre de linhas curvas

- a – Associação livre de linhas curvas formando figuras não uniformes.
- a' – Associação livre de linhas curvas de forma meândrica.

III – Composição de Linhas Retas e Curvas

- 1 – Associação de linhas curvas e verticais
 - a – Associação de linhas curvas e verticais que se unem pelas extremidades formando figuras geométricas concêntricas que se alternam.
- 2 – Associação de linhas horizontais e curvas
 - a – Associação de curvas e horizontais que se unem pelas extremidades formando figuras geométricas concêntricas.
 - b – Associação de semi-elipses e horizontais formando figuras abertas.
 - c – Associação de semi-elipses justapostas verticalmente que se alternam com horizontais.
- 3 – Associação de linhas curvas e oblíquas
 - a – Associação de curvas e oblíquas que se unem pelas extremidades e se justapõem verticalmente.
- 4 – Associação de linhas verticais, horizontais e curvas
 - a – Associação de segmentos de verticais, horizontais, curvas que se unem pela extremidade formando figuras concêntricas fechadas que se justapõem e verticalmente.
 - b – Associação de segmentos de curvas, de horizontais e de verticais que se unem pela extremidade formando figuras fechadas que se justapõem horizontal e verticalmente.
 - c – Associação de segmentos de horizontais, verticais e curvas que unidas pela extremidade formam figuras que se alternam segundo um espaço uniforme.
- 5 – Associação de linhas oblíquas horizontais e curvas.
 - a – Justaposição de semi-elipses que se entrecruzam e têm o espaço compreendido entre as extremidades preenchido por horizontais e oblíquas entrecruzadas.
- 6 – Associação de linhas curvas, oblíquas, horizontais e verticais
 - a – Associação de curvas, oblíquas, horizontais e verticais que se unem pelas extremidades formando figuras, onde predomina a forma de flecha.
 - b – Associação de curvas oblíquas, horizontais e verticais que se unem pelas extremidades formando figuras, com a predominância em forma de L.
 - c – Associação de curvas oblíquas, horizontais e verticais que se unem pelas extremidades formando desenhos livres em forma de meandros. c' – com meandros uniformes.
 - d – Associação de curvas, oblíquas, horizontais e verticais livres onde predominam as formas angulares.

Esses padrões podem ser monocromáticos ou policromáticos, sendo as cores mais utilizadas o vermelho, o branco e o preto. Na pintura policromática, pode ocorrer as seguintes associações de cores:

- a) branco sobre vermelho (B/V);
- b) vermelho sobre branco (V/B);
- c) preto sobre branco (P/B);
- d) preto sobre vermelho (P/V);
- e) vermelho e preto sobre branco (V e P/B);
- f) branco e preto sobre vermelho (B e P/V).

Na literatura arqueológica, sempre é mencionada a utilização de pigmentos vegetais nas terras baixas sulamericanas, entretanto os dois únicos resultados da análise da pintura mostraram a presença de pigmentos minerais (GODOI, 1946 e CIGLIANO, SCHMITZ & CAGGIANO, 1971). Esta questão necessita ser melhor analisada, com amostras de pinturas provenientes de várias regiões onde ocorre esta tradição.

Quanto à disposição, a decoração acromática se apresenta somente na face externa da vasilha, sendo que a pintura ocorre também na interna.

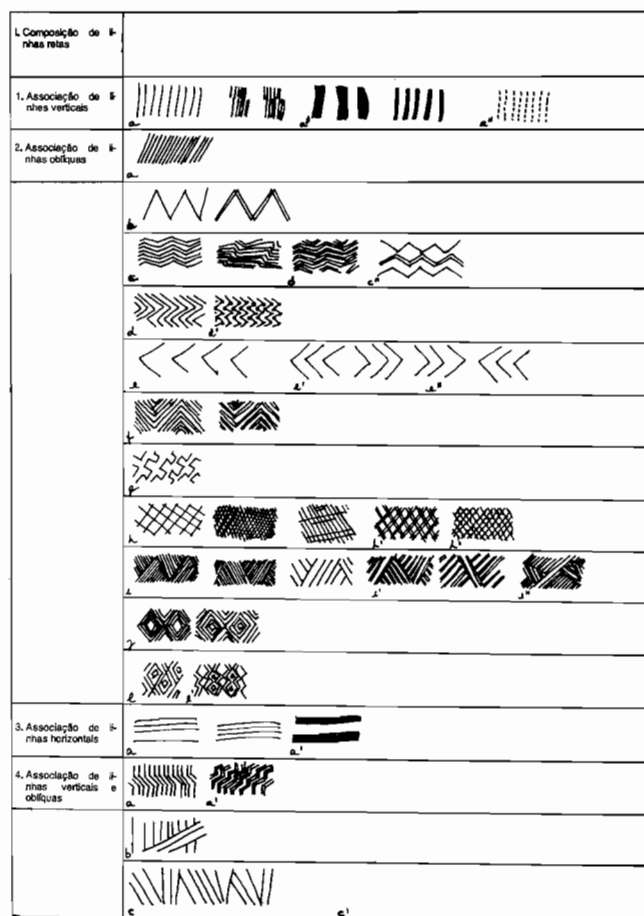
As duas técnicas podem distribuir-se em áreas delimitadas longitudinalmente que denominamos **banda** ou em áreas sem limitação zonal, que denominamos **campo**. Reelaborando os conceitos desenvolvidos por Roger Marois (1984:285) consideramos estes termos da seguinte maneira:

Banda – uma faixa mais comprida do que larga, da superfície da vasilha, delimitada ou não por marco, onde ocorrem os padrões decorativos. Denominamos **marco** o elemento delimitador da área a ser decorada, que pode ser uma faixa pintada ou uma linha produzida por uma angulação. No caso de decoração acromática, a delimitação pode ser dada pela linha entre áreas decoradas, ou entre a decorada e lisa.

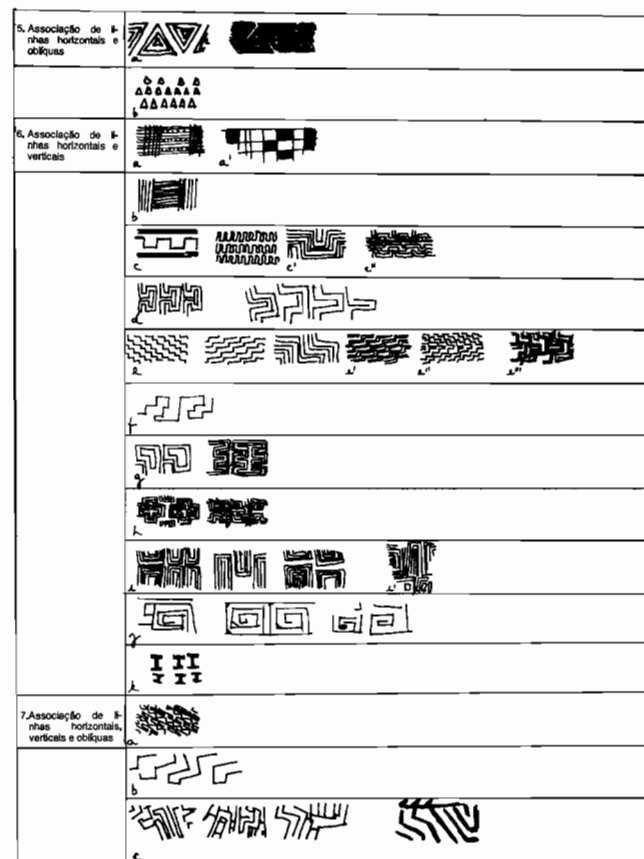
Campo – área onde ocorrem os padrões decorativos sem delimitação de um marco. Corresponde à decoração que se localiza

preferentemente no corpo ou porção inferior da superfície externa da vasilha ou cobrindo a maior parte da sua superfície interna.

Para a classificação das vasilhas, foi estabelecida uma codificação, visando a informatização. Para esta codificação, adotamos uma fórmula numérica, onde cada número é produto de colunas su-



QUADRO IIIa – Padrões decorativos compostos com linhas retas.



QUADRO IIIb – Padrões decorativos compostos com linhas retas.

cessivas que expressam distintos itens relacionados com a análise da forma e da decoração (vide Quadro I e II). Quando o item não ocorrer na vasilha será representado por 0.

Na descrição dos padrões decorativos obedeceremos a sequência da boca para a base, classificando sucessivamente os diferentes padrões existentes em uma mesma peça.

Considerações Finais:

Como já mencionamos, temos consciência de que o estudo de coleções provenientes de fontes não sistemáticas, como é o caso da maioria das coleções em questão, tem o seu potencial informativo limitado, o que não invalida entretanto, sua utilização como documentação científica. Acharmos importante a análise e divulgação de coleções inéditas, que podem auxiliar nos estudos sistemáticos.

A distribuição espacial das formas poderá indicar ou não a concentração de certos tipos de vasilhas em uma determinada região, e servirá de base para o futuro estudo de sua utilização funcional relacionada a padrões de subsistência diferentes.

A organização dos elementos decorativos constitui um padrão, que pode ser observado, e é produto do padrão mental de um grupo particular. A análise desses padrões constitui um fator diagnóstico para a identificação da relação ou não à determinadas regiões e poderá esclarecer o grau de homogeneidade ou diversidade cultural dos portadores dessa tradição.

Portanto, a verificação de constantes referentes à relação entre forma e decoração e distribuição espacial poderá fornecer novos elementos para o estudo da tradição ceramista tupiguarani. O resultado final da pesquisa deverá não só fornecer referências para estudos como também contribuiu para a documentação museográfica das instituições envolvidas.

BIBLIOGRAFIA

BROCHADO, J. Proenza. A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. CLIO nº 3:47-60. Recife, Brasil. 1980.

CAGGIANO, Maria Amanda. Contribuição al conocimiento de la Tradición Tupiguarani. 1984. Inédito.

CAGGIANO, Maria Amanda e José Prado. Taxomia numérica de formas cerâmicas de la Tradición Tupiguarani. 1986.

CHMYZ, Igor (ed) Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. CADERNOS DE ARQUEOLOGIA nº 1: 119-148. Paranaquá. Brasil. 1976.

CIGLIANO, E.M.; SCHMITZ, P.I. e CAGGIANO, M.A. Stios cerámicos Prehispánicos en la costa septentrional de la Provincia de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Ríos: esquema tentativo de su desarrollo. Anales de la Sociedad Científica Argentina nº 192: 129-191. La Plata Argentina. 1971.

GODÓI, M.P. Análises químicas das tintas usadas na cerâmica pelos extintos indígenas da Cachoeira de Emas, rio Moji Guassú. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul 2º trimestre: 241-246. Porto Alegre. 1964.

LOTHROP, S.K. Indians of the Paraná Delta, Argentina, Annals of the New York Academy of Science nº 33: 77. New York, 1932-

MAROIS, Roger J.M. La Cerámica prehistorica canadiense: ensayo de sistematización del análisis de las decoraciones. Archaeological Survey of Canada nº 127. Canada. 1984.

MAROIS, ROGER e SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro – Estudo Comparativo de termos franceses, ingleses, espanhóis e portugueses relacionados com as técnicas decorativas de cerâmica pré-histórica, DÉDALO nº 24, São Paulo. 1985.

PRONAPA – Arqueologia Brasileira em 1968. Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas nº 12. Belém. Brasil. 1969.

SCATAMACCHIA, M. Cristina Mineiro. Tentativa de Caracterização da Tradição Tupiguarani. Tese de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil. 1981.

_____. A Ocupação Tupi-Guarani no Estado de São Paulo: fontes arqueológicas e etnohistóricas. DÉDALO nº 23, pág. 190-221. São Paulo, Brasil. 1984.

SCHMITZ, P.I. El Guarani en Rio Grande do Sul: la colonización del monte y los frentes de expansión. PESQUISAS nº 32: 185-205. São Leopoldo. Brasil. 1981.

SHEPARD, Anna O. Ceramics for the archaeologist. Carnegie Instit. of Washington. Washington. 1961.

NOTAS

- (1) O tema está sendo utilizado sem maiores comentários segundo a seguinte definição: “Após a consideração de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas, foi decidido rotular como tupiguarani (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o termo consagrado pela bibliografia e também a informação etnohistórica estabelecer correlação entre as evidências arqueológicas e os falantes de língua Tupi e Guarani, ao longo de quase todo o litoral brasileiro”. (PRONAPA, 1969).
- (2) Considerando impressão como “ação de apertar com instrumento perpendicularmente ou obliquamente sobre a pasta ainda plástica de um objeto, deixando a marca do mesmo”. (MAROIS e SCATAMACCHIA, 1985).
- (3) Considerando incisão como: “a ação de apertar com instrumento deslizando-se sobre a superfície de pasta ainda plástica, produzindo uma linha em baixo relevo” (MAROIS e SCATAMACCHIA, 1985).

II, Composição de linhas curvas	
1. Associação de linhas onduladas	
2. Associação de semi-círculos	
3. Associação de círculos e semi-círculos com linhas onduladas	
4. Associação de linhas curvas elípticas	
5. Associação de semi-elipses	
6. Associação de linhas curvas enganchadas	
7. Associação de linhas curvas enganchadas	
8. Associação de linhas onduladas com espirais	
9. Associação de figuras curvas isoladas	
10. Associação livre de linhas curvas	

QUADRO IV – Padrões decorativos compostos com linhas curvas

II, Composição de linhas retas e curvas	
1. Associação de linhas verticais e curvas	
2. Associação de linhas horizontais e curvas	
3. Associação de linhas oblíquas e curvas	
4. Associação de linhas verticais, horizontais e curvas	
5. Associação de linhas horizontais e oblíquas com curvas	
6. Associação livre de linhas retas e curvas	

QUADRO V – Padrões decorativos compostos com linhas retas e curvas